

O Dinheiro ou a Circulação das Mercadorias

**O Capital –
Crítica da Economia Política
Capítulo III**

Funções Básicas

O dinheiro surge do mundo das mercadorias como um servo da circulação, mas ele vai reinar sobre ela...

É preciso, agora, tratar da segunda função básica do dinheiro.

Meio de circulação

A segunda função do dinheiro é fazer as mercadorias **circular efetivamente**, intermediando o "metabolismo social".

A trama da economia mercantil exige que as mercadorias sejam trocadas e que passem de uma mão para outra, ou seja, da mão de alguém para a de outrem.

Três partes

A seção “meio de circulação” tem três partes:

- a) A metamorfose das mercadorias;
- b) O curso do dinheiro;
- c) A moeda. O signo de valor.

Namoro à distância e amor real

Na função de medida do valor, o dinheiro atua de modo ideal, não comparece em pessoa.

Já na função de meio de circulação, o dinheiro-ouro tem de comparecer em pessoa, tem de atuar efetivamente. Eis que $M - D - M'$ tem de ocorrer efetivamente.

a) A metamorfose das mercadorias

Relações contraditórias

Diz Marx:

“O processo de troca das mercadorias encerra relações contraditórias mutuamente exclusivas. O desenvolvimento da mercadoria não suprime essas contradições, mas gera a forma dentro da qual elas podem mover-se. Esse é, geral, o método como o qual contradições reais se resolvem”

Relações contraditórias que se excluem?

Do que Marx está falando?

“O processo de intercâmbio da mercadoria se completa na seguinte mudança de forma:

Mercadoria – Dinheiro – Mercadoria

M – D – M’”

A explicação de Marx

“O processo de intercâmbio da mercadoria opera-se, portanto, por meio de duas metamorfoses opostas e reciprocamente complementares – transformação da mercadoria em dinheiro e sua retransformação de dinheiro em mercadoria. Os momentos da metamorfose da mercadoria são, ao mesmo tempo, transações do possuidor de mercadoria – venda, intercâmbio da mercadoria por dinheiro; compra, intercâmbio do dinheiro por mercadoria e unidade de ambos os atos: vender, para comprar”.

Uma nota do Eleutério

É muito importante perceber que

$$M - D - M'$$

é uma expressão da contradição básica do modo de produção capitalista.

Para vê-la, leia-se assim:

Representação privada do valor – representação social do valor – representação privada do valor.

O salto mortal e a morte da mercadoria

O processo de intercâmbio das mercadorias é representado, então, por uma sequência indicadora de duas mudanças de forma:

$M - D$ é o **salto mortal** da mercadoria na circulação;

e $D - M'$ é o **pulo da mercadoria para fora** da circulação.

O dinheiro é “imortal”

Note-se que a mercadoria, ao cair na esfera do consumo, desaparece como mercadoria porque o seu valor de uso passa a ser consumido. O que acontece como o dinheiro?

“O dinheiro não desaparece, ao sair, finalmente, do circuito de metamorfose de uma mercadoria. Ele sempre se deposita em algum ponto de circulação abandonado pelas mercadorias”.

Formas antitéticas

"As duas fases inversas da metamorfose formam um ciclo: forma mercadoria, abandono da forma mercadoria, volta à forma mercadoria. Aqui, no entanto, a própria mercadoria é determinada antiteticamente. Ela é não-valor de uso no ponto de partida, valor de uso no ponto final para seu possuidor. Assim, o dinheiro aparece, primeiro, como sólido cristal de valor, no qual a mercadoria se transforma, para diluir-se depois como simples forma equivalente dela."

A trama contraditória I

M – D, a primeira metamorfose da mercadoria, mostra o **caráter social** da produção capitalista.

*“O salto do valor da mercadoria, do corpo da mercadoria para o corpo do ouro, é (...) o salto mortal da mercadoria. Caso ele falhe, não é a mercadoria que é depenada, mas sim o possuidor dela. A divisão social do trabalho torna tão **unilateral seu trabalho** quanto **multilaterais suas necessidades**.”*

A trama contraditória II

D – M, a segunda metamorfose da mercadoria, mostra o **caráter privado** da produção capitalista.

“Por ser a figura alienada de todas as outras mercadorias ou o produto de sua alienação geral, é o dinheiro a mercadoria absolutamente alienável. Ele lê todos os preços ao revés; reflete-se, assim, em todos os corpos das mercadorias, materiais ofertados para a sua própria conversão em mercadorias.”

Contradição e anarquia

“A mercadoria ama o dinheiro, mas ‘the course of true love never does run smooth’”

Marx explica:

A articulação qualitativa e quantitativa do organismo social de produção, que une os ‘membra disjecta’ no sistema da divisão do trabalho, afigura-se aleatória e anárquica.

Anarquia e reificação

“Os possuidores de mercadorias descobrem por isso que a mesma divisão de trabalho, que os torna produtores privados independentes, torna independentes deles mesmos o processo social de produção e suas relações dentro desse processo, e que a independência recíproca das pessoas se completa num sistema de dependência reificada universal”.

Lei de Say

Essa “lei” diz que a oferta cria a sua própria procura. Ela é a negação abstrata de que o MPC seja contraditório.

“Nada pode ser mais ridículo” – critica Marx – “que o dogma de que a circulação de mercadorias condiciona um equilíbrio necessário entre as vendas e as compras, porque cada venda é compra e vice-versa. Se isso significa que o número das vendas efetivamente realizadas é igual ao mesmo número de compras é uma trivial tautologia. Mas a intenção é provar que o vendedor conduz seu próprio comprador ao mercado...”

Crises: possibilidade formal

Portanto, Marx enfatiza que a circulação de mercadorias não condiciona um equilíbrio entre compras e vendas porque cada venda é um compra e vice-versa.

Eis que a forma D em $M - D - M'$ é um ponto de repouso que pode se prolongar mais ou menos dependendo das circunstâncias.

Crise, crises e mais crises

A crise, para Marx, é inerente ao modo de produção capitalista. Não apenas elas podem acontecer, mas tem necessariamente de acontecer.

É importante entender o porquê.

Marx, mesmo sem ter ainda apresentado o capital, explica essa necessidade do seguinte modo:

Crise: possibilidade real

A antítese, imanente à mercadoria, entre

- *valor de uso e valor,*
- *trabalho privado que tem de representar-se como trabalho diretamente social,*
- *trabalho concreto particular que funciona como trabalho abstrato geral,*
- *personificação da coisa e reificação das pessoas,*

*essa **contradição imanente** assume nas antíteses das metamorfoses das mercadorias suas formas desenvolvidas de movimentos. Essas formas encerram, por isso, a possibilidade, e somente a possibilidade, das crises.*

Donde vem as crises?

Por esse trecho de **O Capital** vê-se que as crises advém das contradições do modo de produção capitalista.

Forma básica da contradição: **privado x social**.

Por exemplo, o possuidor de dinheiro quer se salvar como proprietário privado, retém o dinheiro de suas vendas e, assim, ferra o sistema como um todo porque faz faltar demanda.